



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – CENTRO
DE CIÊNCIAS HUMANAS (CCH)

PEDRO RODRIGUES ROCHA BAÍA

A PERDA DA DEDICATÓRIA À EROICA
ANÁLISE DE COMO A OBRA DE BEETHOVEN FOI INFLUENCIADA
POR NAPOLEÃO

Londrina
2017

PEDRO RODRIGUES ROCHA BAÍA

A PERDA DA DEDICATÓRIA À EROICA
ANÁLISE DE COMO A OBRA DE BEETHOVEN FOI INFLUENCIADA
POR NAPOLEÃO

A PERDA DA DEDICATÓRIA À EROICA -
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Centro de Letras e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Londrina, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em História.

Orientador: prof. Marco Antônio Soares.

Londrina
2017

DEDICATÓRIA

É com grande felicidade que declaro que todo o esforço e o empenho tido antes e durante este curso de graduação, o tive por incentivo da minha família e dos meus amigos e por isso, dedico o resultado à essas pessoas.

AGRADECIMENTOS

Depois de tudo isso, agradeço primeiramente à Deus e também à minha família que me apoiaram e me acompanham em todas as dificuldades e vitórias que tive até agora. E agradeço aos amigos que estiveram comigo na faculdade, no trabalho e nos momentos de descontração e de descanso. Agradeço aos professores que estiveram envolvidos na minha formação e que influenciaram em minha graduação, me dando a oportunidade de aprender sobre história, sobre a minha identidade, e sobre os meus possíveis papéis como historiador.

RESUMO

Uma das marcas mais conhecidas na história do expansionismo francês encontra-se na era napoleônica. Durante este período, Beethoven começou a compor, em 1803, a sua terceira sinfonia e a dedicou "oficialmente" ao Napoleão Bonaparte. A Sinfonia n.º 3 de Ludwig van Beethoven (conhecida como *Eroica* que em italiano significa "heroica"). Observando a trajetória de Napoleão em busca de poder, e as suas estratégias bélicas, tentaremos, portanto, mostrar uma das possíveis interpretações a partir do que a música de Beethoven representa. Sob a perspectiva da história a música de Beethoven representa um "divisor de águas" entre as composições do período clássico para o período romântico. Beethoven, dirige uma dedicação que depois o rejeitará com um ímpeto de desdém, arrancando a capa da obra depois da coroação para o imperador dos franceses; sua autoproclamação trai os ideais da república fazendo com que o imperador seja desprezado e rejeitado pelo compositor para modificar a afirmação de que na primeira edição, em 1809, que relata segundo Beethoven "Uma sinfonia heróica composta para comemorar a morte de um herói" - ser "herói" significa ser verdadeiro e autêntico, incorruptível, que não rouba os direitos e a que pertencem todas as emoções puramente humanas, do amor à alegria. A principal dificuldade era encontrar um eixo que unisse os dois "mundos – música e história", embora eu tenha nascido e tenha sido criado por pais que gostam de música clássica (meu pai é violinista) e eu tenha tido instrução durante muitos anos nas aulas de violoncelo, o meu conhecimento de história da Música não era tão vasto e, estando num curso de história, a solução que encontrei foi dar uma visão narrativa-descritiva sobre história social da música.

Palavra-chave: Ludwig van Beethoven; História social; Dedicatória; Música.

ABSTRACT

One of the best-known brands in the history of French expansionism lies in the Napoleonic era. During this time Beethoven began composing, in 1803, to your third Symphony and dedicated it "officially" to Napoleon Bonaparte. The Symphony No. 3 of Ludwig van Beethoven (known as *Eroica*, which in Italian means "heroic"). Observing the trajectory of Napoleon in pursuit of power, and their warlike strategies, will try, therefore, show one of the possible interpretations from what Beethoven's music represents. From the perspective of history the music of Beethoven represents a "watershed" between the compositions of the classical period to the romantic period. Beethoven, runs a dedication after the rejects with a momentum of disdain, pulling the hood of the work after the coronation for the Emperor of the French; your autoproclamação betrays the ideals of the Republic so that the Emperor is despised and rejected by the composer to modify the statement that in the first edition, in 1809, which reports second Beethoven "A heroic Symphony composed to commemorate the death of a hero"-be " Hero "means to be real and authentic, incorruptible, who doesn't steal the rights and they belong to every emotion, from love to pure joy. The main difficulty was finding a shaft that unites two worlds – music and history ", although I was born and have been created for parents who like classical music (my dad's a violinist) and I have had for many years instruction in cello lessons, my knowledge of the history of music was not so vast and, being a course of history, the solution I found was to give a narrative-descriptive vision on social history of music.

Key words: Ludwig van Beethoven; Social history; Dedicatotion; Music.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 – OS ANCESTRAIS DA EROICA.....	11
1.1 – LUDWIG VAN BEETHOVEN	11
1.2 – NAPOLEÃO BONAPARTE.....	16
2. A DECEPÇÃO.....	21
2.2 ANÁLISE DA SINFONIA EROICA.....	24
2.2.1 – 1º MOVIMENTO: ALLEGRO COM BRIO	27
2.2.2 – 2º MOVIMENTO - MARCHA FÚNEBRE: ADAGIO ASSAI.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS:.....	36

INTRODUÇÃO

Assim como na história, há sempre a percepção de passado, presente e futuro, e durante os estudos de qualquer fato considerado importante pela historiografia há também a percepção do que houve antes e do que houve depois de determinada circunstância. Para a música, há um antes, um durante e um depois do compositor Ludwig van Beethoven, assim também para com Napoleão Bonaparte.

No entanto esta interpretação da história como um estudo a partir do que ocorreu no passado, baseando-se em documentos e monumentos, e tudo que pode elucidar ou informar sobre o passado depende de um ponto de vista em particular, depende da intencionalidade de alguém em preservar algum pedaço do que foi ocorrido.

Pensando a partir disso, o autor francês Jacques Le Goff, elabora em seu livro “História e Memória” sobre a história enquanto forma científica da memória coletiva, é o resultado de uma construção, sendo que os materiais que a imortalizam são o documento e o monumento. Para o ele, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha feita ou pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, ou pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos - herança do passado, e os documentos - escolha do historiador. (LE GOFF, 1996).

Apoiando-se então no estudo e na visão de Le Goff sobre como os pontos de vista interferem na interpretação e na perpetuação de memórias e de acontecimentos, A PERDA DA DEDICATÓRIA À EROICA - analisa a trajetória de desenvolvimento político, social e cultural dessas duas personalidades: Ludwig van Beethoven e Napoleão Bonaparte, e propõe analisar o momento em que essas duas trajetórias se cruzam.

Esse tema foi despertado em meu interesse enquanto assistia a um filme da trilogia “star wars”. Enquanto ouvia a trilha sonora e admirava a música tema para os enfrentamentos dos guerreiros e seus sabres de luz (um filme de ficção científica). Me deparei com temas sonoros muito semelhantes aos que já tinha escutado nas composições clássicas de Peter Ilyich Tchaikovsky - compositor de música erudita do

período romântico – século XIX; Ludwig van Beethoven - Compositor referência de transição entre o período clássico para o período romântico XVIII para XIX, - entre outros compositores que já tinha escutado nas minhas aulas de música ou em casa. Percebi que havia uma possibilidade de juntar a minha vivência musical de berço e profissional com o meu rumo acadêmico, percebi que esse período que é muito estudado pela história política pois a França passa por um momento expansionista e revolucionário poderia seguir para o estudo do ponto de vista da música e, após as aulas que tive na faculdade que me mostraram sobre a possibilidade de usar a música enquanto fonte de estudo histórico, eu poderia ter encontrado o meu tema para o T.C.C (trabalho e conclusão de curso).

Embora eu tenha nascido e tenha sido criado por pais que gostam de música clássica (meu pai é violinista) e eu tenha tido instrução durante 12 anos nas aulas de violoncelo, o meu conhecimento de história da Música não era tão vasto e, estando num curso de história, a solução que encontrei foi dar uma visão narrativa-descritiva sobre história social da música.

Comecei pesquisando as biografias das personalidades que queria destacar num estudo sobre o expansionismo francês e a música daquela época. Então, ao meu ver, o mais sensato era destacar um grande compositor e um grande líder político, por isso escolhi Beethoven (grande compositor), e Bonaparte (grande líder político).

Quando estudamos este período de grandes transformações na França, uma das marcas mais conhecidas na história do expansionismo francês encontra-se na era napoleônica. Começando após o golpe de Estado do 18 Brumário, que, por conseguinte, marca o final do processo revolucionário na França. Durante este período, Beethoven começa a compor, em 1803, a sua terceira sinfonia e a dedicou “oficialmente” ao Napoleão Bonaparte. A Sinfonia n.º 3 de Ludwig van Beethoven (conhecida como *Eroica* que em italiano significa "heroica") é uma obra musical, por vezes citada como marco do fim da era clássica e o começo da música romântica.

A obra tem uma abrangência emocional maior que os seus outros trabalhos. O segundo movimento, em particular, exhibe uma grande gama de emoção - da miséria do tema principal, a tristeza amarga da marcha fúnebre, para o conforto relativo de felicidade.

Beethoven admirava os ideais da Revolução Francesa, e Napoleão era como se fosse sua personificação, por isso alimentava a ideia de dedicar a sinfonia a Napoleão Bonaparte. O biógrafo Maynard Solomon relata que durante um outono, o compositor começou a repensar sobre a dedicatória. O príncipe Lobkowitz disse que se dedicasse a sinfonia a ele, não precisaria pagar um imposto. No entanto, ele continuou com a dedicatória a *Bonaparte*.

Napoleão Bonaparte teve seu governo sobre a França, partindo do que algumas pessoas reconhecem como uma habilidade como estrategista, com tino e espírito de liderança e talentoso em empolgar os soldados com promessas de glória e riqueza após cada vitória. Podemos percebê-lo por três períodos: o Consulado, o Império e o governo de Cem dias.

O foco dessa investigação é o período identificado como Império, mas com o intuito de analisar a passagem do Consulado em que Napoleão é primeiro-consultor e torna-se Imperador, sendo consagrado pelo papa Pio VII na catedral de Notre Dame, ou seja, fora de Roma, onde deveria ter sido, mas por causa de um ato desmedido fruto da soberba de Bonaparte, em 1804, Pio VII foi "convidado" a coroar Napoleão Imperador dos Franceses. Mas diante da busca implacável por poder de Napoleão, foi este mesmo que se coroou Imperador, apesar da presença do Pontífice. Quando Napoleão se proclamou Imperador da França em Maio de 1804, Beethoven se revoltou e foi à mesa onde estava a obra já pronta. Ele pegou a página-título e riscou o nome *Bonaparte* tão violentamente que criou um buraco no papel. Mais tarde ele mudou o nome para *Sinfonia eroica, composta per festeggiare il sovvenire d'un grand'uomo* ("sinfonia heróica, composta para celebrar a memória de um grande homem"). Seu assistente Ferdinand Ries conta a história em sua biografia de Beethoven:

No dia 2 de Dezembro de 1804 Bonaparte após ter sequestrado o papa Pio VII, o obriga a consagrá-lo Imperador da França em uma cerimônia em Paris. Entretanto relutava e coroar o Napoleão, sendo assim, Napoleão Bonaparte tomou a coroa de Pio VII e coroou a si mesmo, de costas para o papa e de frente para o público. O papa disse apenas "vivat Imperator in aeternum" (Longa vida ao Imperador). Quando o Ludwig Van Beethoven ficou sabendo disso, riscou e retirou a sua dedicatória, substituindo-a por "à memória de um grande homem" (FAUCONNIER, 2015).

Observando como a trajetória de Napoleão em busca de poder, e as suas estratégias bélicas influenciaram a vida de Beethoven, tentaremos, portanto, mostrar uma possível interpretação a partir do que a música de Beethoven representa.



Imagem da folha título arrancada pela frustração de Beethoven e rasurada com tanta força que perfurou o nome "Bonaparte". Suas dimensões são: 22cm de largura e 32cm de comprimento. Essa representação foi encontrada no site <http://www.manimagazine.it/sinfonia-n-3-detta-eroica-l-v-beethoven/> no dia 20 de Setembro de 2017, as 14 horas e 50 minutos.

1 – OS ANCESTRAIS DA EROICA

1.1 – LUDWIG VAN BEETHOVEN

Ludwig Van Beethoven nasceu em Bonn¹, em 17 de dezembro de 1770. Bonn é a capital dos príncipes eleitores de colônia, que tem uma função ao mesmo tempo eclesiástica e secular. A Alemanha é então um país sem coesão política, dividido numa série de pequenos Estados. Bonn depende de Viena, sede do Sacro Império Romano Germânico e residência dos Habsburgo. É uma cidade pequena às margens do rio Reno, onde vivem artesãos, funcionários, cortesãos do príncipe eleitor. E é nesse ambiente liberal e esclarecido que a infância de Beethoven se banhará: “é nela que se fundam essencialmente seus ideais estéticos e humanos. Os homens são mais filhos de seu tempo que de seus pais”. (FAUCONNIER, 2015).

Sobre a família de Beethoven, o talento parte de seu avô, também de prenome Ludwig, ele se instala em Bonn em 1734, vindo de Flandres. Estudou música em Mechelen e depois foi contratado pela corte de Bonn e se casou com Maria-Josepha Poll. O legado do nome Beethoven começa a ser escrito a partir daí, enquanto seu significado ainda se resumia simplesmente, em flamengo, “campo de beterrabas”. (FAUCONNIER, 2015).

O talento de seu avô pula a geração de seu pai, Johann, formado em música pelo pai, e depois se perde no mundo alcoólatra. Mas como pode um gênio nascer de pais tão simples? O que gera a possibilidade de um boato errôneo afirmando que

[...] Mais tarde, quando Beethoven for célebre, [...] seria filho natural do rei da Prússia, Frederico II, que, como se sabe, adorava música. É de se perguntar que milagre teria feito o rei da Prússia deter-se um dia em Bonn para fecundar

¹ O Eleitorado de Colônia foi um principado eclesiástico do Sacro Império Romano que existiu entre a primeira metade do século X e o início do século XIX. Consistia em ser as possessões temporais do arcebispo de Colônia e era governado por ele na qualidade de príncipe-eleitor. Havia apenas dois outros príncipes-eleitores eclesiásticos no império: os do Eleitorado de Mainz e do Eleitorado de Tréveris. O arcebispo-eleitor de Colônia também era arquicanceler da Itália e, como tal, era o segundo entre todos os príncipes eclesiásticos e seculares do Império, depois do arcebispo-eleitor de Mainz, e antes do de Tréveris. A capital do eleitorado era Colônia, mas conflitos com os cidadãos colonenses fizeram com que o eleitor se mudasse para Bonn. A Cidade Imperial Livre de Colônia foi reconhecida após 1475, retirando-a da autoridade secular nominal do eleitor. Colônia e Bonn foram ocupadas pela França em 1794. O território do Eleitorado de Colônia era menor do que o da Arquidiocese de Colônia, que incluía bispados sufragâneos como Liège e Münster. De 1597 até 1794, Bonn foi a residência do arcebispo-eleitor e, conseqüentemente, a capital do eleitorado.

a doce modesta Maria Magdalena. Mas assim são as lendas. (FAUCONNIER, 2015, p.12).

Do casamento de Maria Magdalena e Johann nascerão sete filhos, três chegaram a idade adulta. Ludwig é o segundo filho do casal, o primeiro filho morreu aos quatro dias de vida e também se chamava Ludwig. Pouco se sabe sobre a infância de Ludwig, dizem que ele era um garoto agitado, não muito asseado, que brincava às margens do rio Reno ou nos jardins dos castelos de Bonn com seus irmãos, pouco apegou-se aos estudos na escola, o que o marcou por toda vida, com uma ortografia deficiente, aritmética limitada, sabendo apenas o suficiente de latim para entender os textos sobre os quais iria compor suas músicas, mas como esse matemático sofrível pôde chegar aos degraus de excelência de sua arte, se a música é como pura matemática? A vida toda Ludwig van Beethoven estudou por obrigação, apenas pela exigência de seus projetos. Advindo de duas gerações de músicos, os Beethoven vivem de suas atividades musicais.

Dentre seus três ou quatro anos de idade, Ludwig Van Beethoven é apresentado à um piano para começar suas lições de música, seguindo a tradição dos meninos prodígio, assim como foi com o Mozart² e m sua infância. Seu pai o fazia tocar às vezes diante da colônia eleitoral até que um dia decidiram tentar a sorte na “cidade grande”, e eis a primeira grande aparição do jovem

Hoje, 26 de março de 1778, na sala das Academias musicais, na Sternengasse, o Hoftenorist da corte do eleitor da Colônia, Beethoven, terá a honra de apresentar dois de seus alunos, a saber, a Srta. Averdonc, contralto da corte, e seu filho de seis anos. Eles terão a honra de se apresentar, a primeira com diferentes árias, o segundo com diferentes instrumentos e trios, e ele têm certeza de que o nobre público sentirá um prazer completo, ainda mais porque ambos já tiveram a honra de tocar para a corte, para a maior satisfação desta (FAUCONNIER, 2015, p.14).

Essa tentativa foi um fiasco, então Johann decide confiar a educação musical de Ludwig a outros. É assim que outros personagens entram em cena na vida do jovem Ludwig, Tobias Pfeiffer³

² Wolfgang Amadeus Mozart, (1756-1791) foi um músico e compositor austríaco, considerado um dos maiores nomes da música erudita e um dos compositores mais importantes da história da música clássica.

³ Tobias Pfeiffer, um excelente músico, embora um pouco estranho. O último rapidamente se tornou amigável com o pai do aluno, já que ambos costumavam frequentar as mesmas tabernas. Ao mesmo tempo, Ludwig começou a frequentar aulas com um músico pouco conhecido, chamado Christian G. Neefe. Ambos os professores trataram seu aluno aproximadamente, às vezes tirando-o da cama e forçando-o a passar a noite inteira tocando piano. Surpreendentemente, Beethoven nunca ficou amargo

[...] passou a dar aulas a Ludwig. Mas sem horário fixo para isso; seguidamente, depois de haver bebido uma garrafa de vinho com o pai de Beethoven até as onze e meia da noite, Pfeiffer voltava com ele para casa, onde Ludwig estava deitado e dormia; o pai o sacudia com violência, a criança se levantava chorando, punha-se ao teclado, e Pfeiffer ficava sentado ao lado dele até quase amanhecer, pois reconhecia seu talento extraordinário [...] (FAUCONNIER, 2015, p.15).

As lições duraram pouco tempo, sendo substituído por vários outros professores, e é nessa base frágil que foram dados os primeiros passos de Ludwig.

Anos de pois, Ludwig, já bem mais experiente, recebeu lições de Neefe (já citado em nota), que fez dele seu assistente privilegiado e o encorajou em suas primeiras composições. É assim que em 1783 apareceu a primeira obra conhecida pelo compositor como: nove variações para cravo em C (Dó) menor, sobre uma marcha de Desler, variações essas que foram amplamente recebidas, e publicadas. No outono do mesmo ano, outras três sonatas para cravo, foram dedicadas ao eleitor de Bonn, Maximiliano Frederico. Após a morte desse eleitor, Beethoven foi nomeado organista suplente e foi finalmente remunerado com 150 florins por ano, e de Johann eram retirados 15 florins por causa do seu tratamento. Agora Beethoven deveria assumir os encargos da família. Neste momento ele ia levando a vida de um jovem músico da corte, com quatorze anos.

Quanto a carga de lições que lhe eram solicitadas, ele se esquivava usando todos os possíveis pretextos. Não gostava de ser professor, preferindo ser compositor, em 1774 ele compôs um concerto para piano chamado estranhamente de Concerto nº 0, seguindo o estilos e gostos de Mozart e Haydn, os modelos canônicos da época, mas ainda muito longe dos padrões modelo: com três movimentos (movimentos são como capítulos de um livro, mas como a linguagem aqui é sonora, movimentos são dados como temas diferentes destacados e desenvolvidos dentro da composição), um rondó (tema de música em que, o que entendemos hoje como refrão, se repete várias vezes durante o movimento), ao final com um arranjo arrojado e arrebatador.

Eis a primeira chama que dará sentido ímpar ao prestígio de Ludwig, ele conheceu o rico e generoso Ferdinad conde Waldstein- Wartenberg que conhecia

com isso. No entanto, esse comportamento significava que Pfeiffer só durou um ano em Bonn e, por isso, Ludwig logo ficou livre de sua influência”.

Mozart e Haydn⁴ em Viena e se encantou pelo talento de Beethoven enquanto tocava nas apresentações privadas da corte.

Em 1787, ano maravilhoso para Beethoven, uma licença lhe foi dada em forma de trabalho. Enviado para Viena, o centro mais importante da música na Europa. Beethoven teve a chance de conhecer seu ídolo, Wolfgang Amadeus Mozart – já citado anteriormente - (num momento ruim pois seu pai estava muito doente, então a priori, suas atenções não se direcionavam ao Beethoven), como podemos perceber

Beethoven foi levado à casa de Mozart e, a seu pedido, lhe tocou algo que Mozart, julgando ser uma peça de virtuosismo preparada para a ocasião, aprovou bastante friamente. Tendo percebido isso, Beethoven pediu a Mozart para lhe dar um tema sobre o qual improvisar. Como tinha o hábito de tocar admiravelmente quando tinha essa disposição, e estimulado pela presença do mestre por quem tinha um respeito tão grande, ele tocou de tal maneira que Mozart, cuja atenção e o interesse aumentavam, acabou por se dirigir à peça vizinha onde estavam alguns amigos e lhes disse: “Prestem atenção neste rapaz, um dia seu nome será reconhecido mundialmente” (FAUCONNIER, 2015, p.17).

Na volta para Bonn, Beethoven trazia consigo coisas boas e coisas muito ruins, como dívidas e a tristeza de ter sido avisado sobre sua mãe estar muito mal de saúde. Infelizmente ela morreu e Beethoven teve que assumir inteiramente as responsabilidades da família pois seu pai Johann se via impossibilitado para qualquer coisa exceto embriagar-se e quase ser preso várias vezes. No vigor de seus dezoito anos de idade, uma irmã de um ano de idade de Beethoven morreu, seu pai sempre estava bêbado e seus irmãos nunca estavam a disposição para poder ajudá-lo a manter a família, e o enorme peso sufocante disso tudo era tão forte que após dois anos, Ludwig entrou com uma petição ao eleitor para emancipação mas, por causa de uma súplica de seu pai, Ludwig protelou a petição.

Aos vinte anos, Ludwig Van Beethoven era um revolucionário em espírito, embora não em atos pois ainda era um homem da corte. Ele se deixou levar pelos ideais do seu tempo, recebeu ecos dos acontecimentos da França. Ele leu tudo que cai em suas mãos: Goethe, Schiller, Immanuel Kant, etc.

⁴ Franz Joseph Haydn (31/03/1732-31/05/1809) foi um dos mais importantes compositores do período clássico. Personifica o chamado "classicismo vienense" ao lado de Wolfgang Amadeus Mozart e Ludwig van Beethoven. É considerado como um dos autores mais importantes e influentes da história da música erudita ocidental com uma carreira que cobriu desde o fim do Barroco aos inícios do Classicismo. Ele é considerado a ponte e o motor que permitiram que esta evolução sucedesse.

Existem boatos que em 1826, Beethoven estava escrevendo à uma antiga amada/amiga trechos de cartas como: “Tenho ainda comigo o retrato em perfil da tua Lorchen; digo isso para que vejas o quanto me é caro todo o amor e a felicidade da minha juventude”, que exemplificam um dos vários amores frustrados mas que não representavam o que ardia de fato em seu coração, ou seja, o desejo furioso de alcançar a grandeza, lavar as dores da infância, elevar-se o mais alto que puder, e segundo Ludwig, havia um único meio para chegar a isso: a música.

Após aperfeiçoar ainda mais as suas técnicas com o “papai Haydn” (como era chamado afetuosamente por Mozart antes de morrer), em 29 de março de 1795, Beethoven fez o seu primeiro grande concerto público

Enquanto Haydn e Salieri apresentam-se nos salões com peruca, enfeitados de pó, com meias de seda e sapatos conforme a moda, Beethoven comparece com roupas comuns. Sua aparência é pouco cuidada, como testemunha uma senhora que assistiu às duas primeiras aparições na sociedade, a Sra. Von Bernhardt (FAUCONNIER, 2015, p.41).

Durante o verão de 1796, Beethoven adoeceu e despreocupado causava constantes choques térmicos em sua cabeça o que, segundo algumas teorias, teria causado o princípio de surdez, mas não se sabe ao certo qual foi a causa de sua completa surdez, ao qual o único remédio era o trabalho. Durante o perpassar de 1801 Ludwig continuava a ficar surdo e isso o envergonhava. A sua rotina de inconstâncias na saúde mental e física o impediam de ao menos ter alguns romances, ou muito menos se estabilizar e casar.

Aqui começamos a perceber o princípio de aproximação entre Beethoven e o General Bernadotte (por causa de sua admiração pela política), general esse que era jacobino de origem popular, e um fervoroso admirador de Bonaparte, que era naquela época um símbolo do herói revolucionário. Shindler cita testemunhas que afirmam sobre a ideia de uma grande sinfonia em homenagem ao grande homem, a qual Ludwig Van Beethoven iria compor, afinal, foi Bonaparte quem impôs a paz à Áustria em 1797, além de ter sido um glorioso vencedor na campanha de Itália. Apesar dessa faísca de interesse de Beethoven, a composição desta sinfonia iria se desenvolver lentamente no espírito de Beethoven.

Em 1800, Beethoven acolheu em sua estadia na Hungria um jovem chamado Ferdinand Ries e seu pai. Após ouvir o rapaz no piano, decidiu abruptamente de lhe dar aulas de piano. Esse rapaz iria se tornar um de seus primeiros auxiliares.

Então por fim, percebemos que o ano de 1801 foi marcado por sua desenfreada paixão por uma italiana chamada Giulietta Guicciardi (mais um exemplo de romance), a quem mais tarde ele tentaria pedir em casamento, concomitantemente estaria compondo sonatas para piano, a chamada marcha fúnebre e a famosa Sonata ao Luar (dedicada a sua amada Giulietta) e a Sinfonia nº 2. Fato esse que retoma aqueles antigos boatos sobre as suas amadas, pena que elas nunca correspondiam a tal romance. Percebemos com isso que a proposta de ser um compositor que muda algumas das tradições de seu período está diretamente relacionado com a sua busca romântica e quase utópica de um amor para a vida que reflete diretamente também nas melodias de suas composições.

Vejamos brevemente então, como foram as vivências de Napoleão Bonaparte e a partir delas como podemos estabelecer uma ligação entre as duas personalidades.

1.2 – NAPOLEÃO BONAPARTE

Napoleão Bonaparte (1769-1821) nasceu em Ajaccio, capital da ilha de Córsega, França, no dia 15 de agosto de 1769. Filho de Carlos Maria Bonaparte, jurista, formado em Pisa, Itália, e de Letizia Ramolino, descendentes de família de pequena nobreza da Ligúria, Itália. Segundo Filho de uma família de sete irmãos.

Iniciou seus estudos em Ajaccio. Com 10 anos de idade, ingressou no colégio militar de Brienne, na França. Durante cinco anos estudou Matemática, Geometria, Álgebra, Trigonometria e História. Leu narrações militares e biografias de homens ilustres. Em 1784 ingressou na Escola Real Militar de Paris, onde começou sua carreira. Aos 16 anos de idade já era subtenente de artilharia.

Em 1789, teve início a vitoriosa Revolução Francesa, que levou a França a passar por profundas modificações políticas, sociais e econômicas. A aristocracia do antigo regime perdeu seus privilégios, libertando os camponeses dos antigos laços que os prendiam aos nobres e ao clero. Foi a alavanca que levou a França do regime feudal para o capitalista. No dia 21 de janeiro de 1793, o rei Luís XVI foi guilhotinado na praça da Revolução em Paris. Nessa época, Napoleão Bonaparte realizava missões secundárias pelo interior da França.

Ainda em 1793, Napoleão teve sua grande oportunidade em Toulon. A cidade se rebelara contra o novo governo republicano do país. O comandante da artilharia local foi ferido na batalha e Napoleão assumiu o comando. Derrotou os revoltosos, sendo nomeado general de brigada, com apenas 24 anos.

No dia 4 de outubro de 1795, Napoleão venceu mais uma batalha, na revolta dos partidários da monarquia. Em consequência recebeu nova patente, foi nomeado comandante do Exército Francês. Nessa época conheceu Josefina Beauharnis, viúva de um general guilhotinado na Revolução. No dia 9 de março de 1796, realizou-se a cerimônia de casamento. Dois dias depois Napoleão partiu para a guerra na Itália. No comando do exército francês, derrotou as tropas na Itália e na Áustria, derrubando os velhos regimes monárquicos e obtendo importantes conquistas territoriais para a França.

A insatisfação na França era grande, a burguesia se ressentia da instabilidade social e política. Napoleão aproveitou e num golpe de estado, no dia 18 de Brumário (data do novo calendário estabelecido pela revolução), correspondente a 9 de novembro de 1799, assumiu o governo. Foi nomeado Primeiro Cônsul, depois Cônsul Vitalício. Por meio de um ato insano foi nomeado Imperador e coroado na catedral de Notre-Dame, com o título de Napoleão I. Assim AQUINO também nos mostra

A ambição de Napoleão levou-o a novos conflitos com a Santa Sé. Com efeito; em maio de 1804, o monarca, por plebiscito, foi aclamado Imperador dos franceses. Convidou Pio VII para sagrá-lo e coroá-lo em Paris. O Papa, após hesitar, acabou aceitando: na Catedral de Notre-Dame, aos 02/12/1804 sagrou o Imperador, mas, a coroa, foi este mesmo quem a colocou sobre a sua cabeça (não queria que se dissesse que recebera do Papa o poder imperial). Tal procedimento contrariava o Cerimonial e era grave afronta ao Pontífice. Este aturou o gesto, esperando receber alguma compensação ou a retratação de artigos galicistas. Iludia-se, porém: Napoleão apenas restaurou algumas Congregações Religiosas (Irmãs de Caridade, Lazaristas) e aboliu o Calendário Republicano. Quis deter o Papa na França, afim de melhor utilizá-lo como seu instrumento; mas Pio VII, prevendo o golpe, fora prudente: antes de deixar Roma, havia assinado a sua renúncia ao Papado, válida para o caso de não voltar à Cidade Eterna dentro de um ano. Assim em abril de 1805 regressou a sua sede, um tanto humilhado pelo tratamento que Napoleão lhe impusera (AQUINO, 2017).

Napoleão Bonaparte cercou-se de uma corte suntuosa, os generais e os altos funcionários recebem títulos de nobreza. Seus irmãos se transformam em monarcas: Joseph torna-se rei de Nápoles, Louis rei da Holanda, Jérôme rei da Westfália. Elisa, sua irmã tornou-se grã-duquesa de Toscana. Sem filhos para sucedê-lo, separou-se de Josefina, e em 1810 casou-se com Maria Luísa da Áustria, Filha de Francisco II e

irmã de D. Leopoldina, esposa de D. Pedro I. Enfim teve um filho, mas que teve uma vida breve.

A expansão territorial continuou. Em pouco tempo conquistou a Itália, os Países Baixos, a Polônia e vários principados da Alemanha. Tendo contra si a Inglaterra, que controlava os mares e ajudava as nações dominadas. Em 1806, decretou o bloqueio continental contra a Inglaterra. Só o Czar Alexandre I não cumpriu a determinação. Napoleão invadiu a Rússia e encontrou Moscou incendiada. Sem a base de apoio, enfrentou um inverno rigoroso e a resistência do povo. Vencido, em 1812, retirou-se. A França foi invadida, Napoleão abdicou e se exilou na ilha de Elba, na Toscana, Itália.

Em 1814 Napoleão foge de Elba, entrou em Paris, aplaudido pelo povo e pelas tropas. Por cem dias reassumiu o poder. Mas foi novamente derrotado, pelos ingleses, desta vez em 1815, na batalha de Waterloo. A França foi invadida, Napoleão foi preso e mandado para a ilha de Santa Helena, no meio do Atlântico.

Os novos tempos prometidos pela Revolução Francesa já iam longe. A desmedida mortífera do terror, na França, afogou os ideais revolucionários em ondas de sangue, os chefes guilhotinados entre si; e a irreversível ascensão de Bonaparte, ex-republicano a caminho do despotismo, faz da França, o lugar mais terrível da Europa. A Áustria vive uma paz frágil desde o Tratado de Lunéville, em 1801.

A tragédia meteórica de Bonaparte povoa os imaginários. Suas vitórias militares, sua corrida implacável ao poder fazem dele um novo Alexandre. Antes de Dissolver na epopeia sangrenta e depois na tragédia do fracasso e do exílio, aquele que ainda é apenas o primeiro cônsul está construindo um mito, tornando-se um modelo heroico para toda a juventude inflamada da Europa (FAUCONNIER, 2015, p.77).

Neste contexto, Beethoven via o primeiro cônsul “à altura dos maiores cônsules romanos”. Profundamente republicano, democrata, ele pensava como muitos outros que a jovem República francesa realizava os ideais patrimônicos de que se alimentou. E que a epopeia napoleônica era capaz de provocar o advento de uma humanidade fraterna e livre.

A relação de Ludwig com Bonaparte oscilava entre amor e ódio, fascínio e repulsa. Com o sentimento de auto identificação e cuja imagem e o destino lhe lembram a imagem de si, Beethoven lamentava dizendo “Pena que eu não compreenda a arte da guerra tão bem como a da música [...] eu o venceria” (FAUCONNIER, 2015).

Ao voltar de sua temporada em Heiligenstadt, no outono de 1802, ele retornou ao seu projeto de conquista do mundo musical. A crise passou. Era o começo de uma década prodigiosa marcada por inúmeras obras-primas denominadas “heroicas”. O período que vai de 1802 até 1813 seria demarcado como o ápice de suas inspirações acompanhada de uma energia inabalável. Foram compostas: uma ópera, uma missa, Seis sinfonias, quatro concertos, cinco quartetos de cordas, três trios para piano, duas sonatas para violino, seis sonatas para piano, sem contar as variações e aberturas. O tempo de virtuose no teclado e no cravo ficaram no passado, mesmo estando presente de vez em quando nos salões da aristocracia, Ludwig percebeu que

A sinfonia “Bonaparte”, que está na hora de terminar, requer toda a sua energia. Dedicou-se a ela com empenho durante o ano de 1804. Essa sinfonia tem sua história e até sua lenda. De todas as suas obras, considerando as peripécias da composição e as circunstâncias, é a que Beethoven mais acalentou (FAUCONNIER, 2015, p. 83).

A Revolução Francesa e seus desdobramentos impuseram o gênero Heroico⁵. Beethoven, nessa sinfonia, buscava aperfeiçoar e engrandecer um estilo musical vindo da França Revolucionária: o de Méhul, de Cherubini, compositores que ele conhece. Mantendo padrões como: as nomenclaturas e os termos técnicos em latim e em italiano (pois a Itália foi o berço do desenvolvimento da música erudita).

Durante dez anos, na França, a arte musical se fez zelosa servidora dos ideais revolucionários. Beethoven leu e ouviu essas obras. Aos poucos, porém ele foi perdendo as ilusões. Já vimos sua reação quando lhe sugeriram compor uma “sonata revolucionária”. Mesmo assim ele continuava a escrever a sua sinfonia “Bonaparte”. Até que fica sabendo, assim como relatou o seu auxiliar Ries, que Napoleão se declarou imperador dos franceses

Nesse momento ele ficou furioso e exclamou: Então ele não é mais do que um homem ordinário! Agora vai espezinhar todos os direitos humanos, não obedecerá senão à sua ambição, vai querer se elevar acima de todos, será um tirano! Foi até a sua mesa, pegou a folha de abertura, rasgou em pedaços e jogou-a no chão. A primeira página foi escrita de novo, e então a sinfonia recebeu pela primeira vez seu título: Sinfonia Eroica (FAUCONNIER, 2015, p. 83).

A partir desse momento não existe certeza sobre o que Beethoven fez ou pensou em fazer, por isso são elencadas algumas possibilidades. Se Beethoven

⁵ Estilo de composição que remete aos grandes heróis de uma nação ou dos interesses mais privilegiados dentro um período, no caso da França revolucionária, Napoleão Bonaparte é um grande herói, enquanto líder engenhoso e fidedigno a toda a sua pompa de governante e político.

abandonou sua dedicatória ao imperador dos franceses, talvez seja por razões diplomáticas também. Pois um grande rompimento não só com os padrões de composição daquela época, mas também com as instituições que financiavam as suas obras – a corte e a igreja – poderiam significar que além da surdez, a insanidade tomara conta de seu juízo e que poderia colocar tudo a perder.

A Sinfonia Eroica não tinha mais um herói, passava a ser somente uma ideia de heroísmo que a história não pode produzir.

A Sinfonia Eroica, portanto, apesar de ter referido por muito tempo, não era mais uma sinfonia “Napoleão”. Era o canto de triunfo da humanidade vitoriosa das trevas, a primeira em que Beethoven, para além das circunstâncias fortuitas da História e ultrapassando as influências francesas de uma “música revolucionária” marcada de ingenuidade pomposa, “atingiu finalmente o universal”.

Podemos portanto perceber que a partir das influências de vivência e de convivência, tanto de Beethoven quanto de Bonaparte, as construções a respeito do vemos atualmente partiram apenas do que foi elencado pela historiografia como importante, reafirmando assim o meu interesse por esse assunto, porque como foi destacado no início deste trabalho, a visão de Le Goff sobre documento e monumento e de como essas terminologias auxiliam no estabelecimento do que pode ser entendido como fonte histórica, os padrões característicos da fonte musical se encaixam na análise interna e externa que se faz de um documento quando há o interesse de eternizá-lo mesmo, como foi o caso, tendo que resignificá-lo, passando então de documento para monumento, de objeto estudado para referencial de estudo.

Mas para estudar essa fonte, foi necessário entender algumas das informações técnicas, que para mim enquanto estudante de música há mais de dez anos, funcionou como mais um exercício de mnemotécnica, ou seja, as várias repetições de um assunto que fazem com que o assunto torne-se orgânico e portanto se torna um aprendizado. Por isso foi necessário destacar algumas informações técnicas neste trabalho.

2. A DECEPÇÃO

2.1 – ALGUMAS INFORMAÇÕES TÉCNICAS DA MÚSICA

Cabe a nós observarmos algumas informações técnicas sobre a composição musical e como ele foi utilizada nesta obra. Partido dessa proposta vamos observar que **parâmetros técnicos da música**⁶ estão presentes na composição da Eroica de Beethoven e como isso foi utilizado para evidenciar os momentos, sensações ou sentimentos.

Ouvimos diversos sons produzidos por uma quantidade enorme de fontes sonoras. Sons diferentes e também sons que conhecemos e reconhecemos diariamente. Uma mesma nota musical pode ser emitida por um violino e por um piano, uma guitarra e um fagote, uma harpa e um alaúde. Reconhecemos as diferenças do som emitido pela fonte sonora e a igualdade na frequência emitida. Sabemos que uma melodia pode ser executada mais forte ou mais fraca, mais rápida ou mais lenta. Na prática, todas essas nuances sonoras são percebidas e captadas pelo nosso cérebro. Mas, como mensurar cada uma dessas características do som? Como transportar para o papel esses acontecimentos físicos, que são a emissão das notas musicais?

Para isso, temos de lançar mão do conceito de parâmetros do som, que são os aspectos físicos daquilo que ouvimos, quais as suas qualidades físicas, para, assim, poder mensurá-los.

Cada som ou ruído que escutamos ou produzimos pode ser representado graficamente com a ajuda de aparelhos específicos para cada fim. Assim, a representação gráfica desses sons é possível e sua visualização mais fácil e adequada.

As músicas que escutamos têm características distintas, o que nos possibilita diferenciá-las. Podemos perceber todas essas diferenças graças à nossa percepção dos parâmetros do som.

Quando nos referimos ao parâmetro do som – altura, estamos tentando relacionar um som que ouvimos a uma frequência predefinida. Quanto maior for a

⁶ Um som apresenta as seguintes características, Altura: os sons podem ser classificados em *agudos* e *graves*; Intensidade: os sons podem ser *fortes* ou *fracos*; Duração: o *tempo* que o som dura e Timbre: É esta propriedade do som que nos permite distinguir uma fonte sonora de outra.

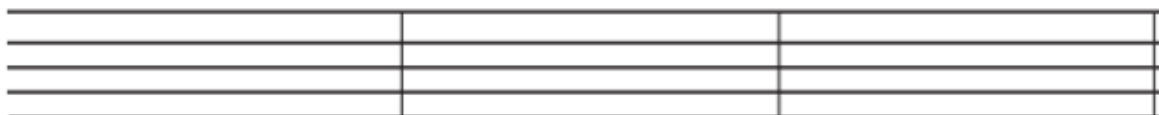
frequência emitida, mais agudo será o som e, obviamente, o contrário será verdadeiro: quanto menor for a frequência emitida, mais grave será o som. Assim podemos observar no quadro de medidas em Hz:

Notas	Frequência (Hz)
dó	264
ré	297
mi	330
fá	352
sol	396
lá	440
si	495
dó	528

Escala de C (dó) Maior.
(MUNDO EDUCAÇÃO, 02/01/2017).

Em música, podemos representar graficamente em uma pauta as frequências exigidas para uma composição. Isso se chama Notação Musical. Vejamos algumas definições e símbolos necessários para que possamos entender como escrever as notas musicais.

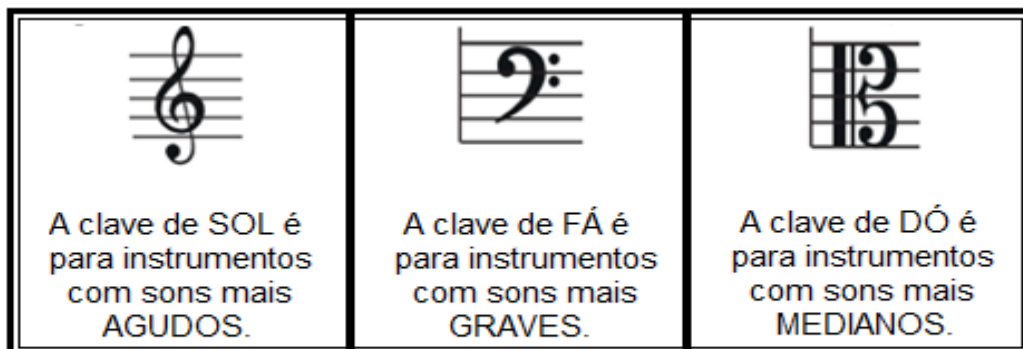
Pauta ou Pentagrama: é o conjunto de cinco linhas e quatro espaços, no qual escrevemos as notas musicais.



Exemplo de Pauta ou Pentagrama
(MUSICALLEIZER, 30/02/2017)

Podemos perceber que, se utilizarmos apenas as linhas e espaços, a pauta é um espaço limitado para que possamos escrever as notas musicais existentes. Para resolver esse problema, podemos criar as linhas complementares, que são pequenas linhas acima ou abaixo da pauta e servem para aumentar a sua extensão.

Para que possamos escrever as notas musicais, devemos utilizar um símbolo que estará presente no início de cada pauta, denominado de CLAVE. As claves servem para dar nome às notas. Podemos distinguir três tipos:



As Claves (MUSICALLIEZER, 02/02/2017).

A escrita musical ocidental somente começou a estruturar-se academicamente a partir da metade da Idade Média por meio do monge beneditino Guido d'Arezzo. Ele foi um monge italiano e regente do coro da Catedral de Arezzo (Toscana). Seu emprego como músico de igreja não impedia a composição profana; entretanto, sem a nomeação para a capela de uma corte ou fundação eclesiástica, nenhum músico plebeu podia aspirar ao sucesso. Durante muito tempo, a Música foi cultivada por transmissão oral, até que se inventou um sistema de escrita. Por volta do século IX apareceu, pela primeira vez, a pauta musical. Este monge sugeriu o uso de uma pauta de quatro linhas. O sistema ainda é usado até hoje no canto gregoriano.

Esse foi um de seus méritos, criar o sistema de escrita que facilitou a leitura da música, unificando todos os critérios de até então. O sistema de quatro linhas paralelas, tetragrama, podia indicar com exatidão a altura de cada nota. Posteriormente, Guido acrescentou a quinta linha, criando, assim, o conhecido pentagrama que usamos até hoje.

Outro feito do monge foi o sistema silábico para dar nome às notas. Encontrou a inspiração para tanto nas sílabas iniciais de cada verso da primeira estrofe do antigo e popular hino ao padroeiro dos músicos, São João Batista.

Ut Queant Laxis
Reading Chant

Second Mode
The syllables surrounded by rings were used by the monk Guido of Arezzo (+ 1050) to teach the scale. The melody is given in the original position.

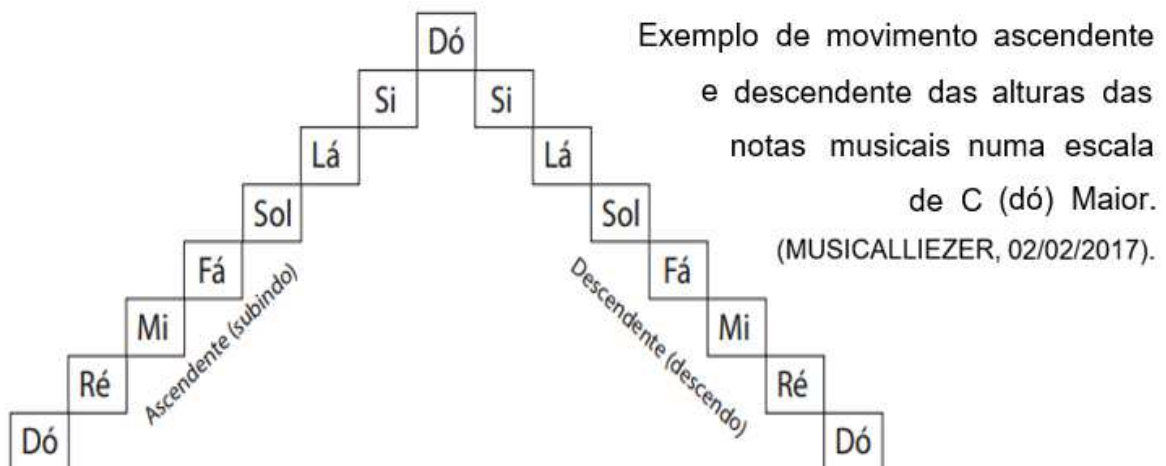
*O Saint John, loose the
sinfulness of our polluted
lips, that thy servants may
be able to sing thy wondrous
deeds with free voices.*

rit.

(Nativity of St. John the Baptist)

Sua tradução é: Para que nós, servos, com nitidez e língua desimpedida, o milagre e a força dos teus feitos elogiemos, tira-nos a grave culpa da língua manchada, São João.

Agora podemos observar que em uma pauta musical as notas são representadas de maneira ascendente ou descendente, ou seja, quanto mais para cima a nota estiver sendo representada, mais agudo será o seu som.



2.2 ANÁLISE DA SINFONIA EROICA

A Eroica foi composta entre os anos de 1803 e 1804 e estreiou no verão de 1804 em Boêmia dedicada ao príncipe Lobkowitz amigo de Beethoven. Ela foi composta sob o molde sonoro ao qual os músicos leem como tonalidade de E (mi) bemol maior, no formato de sinfonia, o que propõe a execução em grupo,

tecnicamente conhecido como orquestra sinfônica, e a sua leitura e execução dura entre 45 e 59 minutos.

Ao compor o autor quis que fosse lida especificamente por um grupo seletivo de instrumentistas: 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 3 trompas, 2 trompetes, 1 tímpano e cordas (**1º(os) e 2º(os) violinos**⁷, violas de arco, violoncelos e contrabaixos).

O que textualmente entenderíamos como sob capítulos, a música clássica, erudita traz como movimentos, e cada movimento tem um molde diferente de composição mas que segue a tonalidade primordial, nesse caso, Mi bemol maior. Esta sinfonia foi dividida em quatro movimentos:

- 1. Allegro con brio (Rápido e com brilho);**
- 2. Marcia funebre: Adagio assai (marcha fúnebre bastante lenta);**
3. Scherzo: Allegro vivace (rápido com vivacidade);
4. Finale: Allegro molto (final: bem rápido).

Ao qual iremos nos preocupar em analisar o primeiro e o segundo movimentos, sendo assim, primeiramente o *Allegro con brio e Marcha Fúnebre*.

Beethoven tinha inicialmente a ideia de dedicar a sinfonia a Napoleão Bonaparte. O biógrafo Maynard Solomon relata que Beethoven admirava os ideais da Revolução Francesa, e Napoleão era como se fosse sua personificação. No outono, o compositor começou a repensar sobre a dedicatória. O príncipe Lobkowitz disse que se dedicasse a sinfonia a ele, não precisaria de pagar um imposto. No entanto, ele continuou com a dedicatória a Bonaparte.

Quando Napoleão se proclamou Imperador da França em Maio de 1804, Beethoven se revoltou e foi à mesa onde estava a obra já pronta. Ele pegou a página-título e riscou o nome Bonaparte tão violentamente com uma faca que criou um buraco no papel. Mais tarde ele mudou o nome para Sinfonia Eroica, composta *per festeggiare il sovvenire d'un grand'uomo* ("sinfonia heroica, composta para celebrar a

⁷ 1º e 2º violino se diz enquanto divisão de vozes na organização de uma orquestra.

memória de um grande homem"). Seu assistente Ferdinand Ries conta a história em sua biografia de Beethoven:

Ao escrever esta sinfonia Beethoven tinha pensado em Bonaparte, mas Bonaparte como Primeiro Cônsul. Naquela época, Beethoven tinha a maior estima por ele e o comparou aos máximos cônsules da antiga Roma. Não só eu, mas muitos dos amigos mais próximos de Beethoven, vimos esta sinfonia em sua mesa, lindamente copiados à mão, com a palavra "Bonaparte" inscrito no topo da página-título e "Ludwig van Beethoven" na parte inferior. ...Eu fui o primeiro a dizer a notícia de que Bonaparte havia se autodeclarado imperador, quando de repente teve um acesso de fúria e exclamou, "Então ele não é mais do que um mortal comum! Agora, também, ele vai pisar no pé de todos os direitos do homem, saciando somente a sua vontade; agora ele vai pensar que é superior a todos os homens, se tornando um tirano!" Beethoven foi até a mesa, pegou a página-título, rasgou ao meio e jogou-o no chão. A página tinha de voltar a ser copiado e foi só agora que a sinfonia recebeu o título de "Sinfonia Eroica" (FAUCONNIER, 2015).

No entanto, o caminho para a titulação da obra Eroica tinha mais história. Após a conclusão da obra, Beethoven escreveu a seu editor no verão de 1804 que "O título da sinfonia é realmente Bonaparte." O título final não foi aplicado ao trabalho até que as partes foram publicadas em outubro de 1806. Na verdade, Anton Felix Schindler diz que na audiência sobre a morte de Napoleão na ilha de Santa Helena em 1821, Beethoven diz: "Eu escrevi a música para este triste acontecimento dezessete anos atrás" - referindo-se à Marcha Fúnebre (segundo movimento).

Beethoven escreveu a maior parte da sinfonia no final de 1803 e completou-a no início de 1804. A sinfonia foi estreada em particular no Verão de 1804 no castelo de seu protetor Príncipe Lobkowitz, em Eisenberg (Jezeri) na Boêmia. A primeira apresentação pública foi dada no Teatro an der Wien, em Viena, no dia 7 de Abril de 1805 com o compositor na condução. Para a performance, o trabalho foi apresentado em D# (Ré sustenido), o que representava um certo respeito ainda as referências de seus mestres e o medo da rejeição do público frente ao incomum e estranho aos ouvidos.

A Sinfonia n.º 3, Em Mi Bemol Maior (Op. 55) de Ludwig van Beethoven (conhecida como Eroica que em italiano significa "heroica") é uma obra musical, por vezes citada como marco do fim da Era Clássica e o começo da música romântica. Por causa dessa quebra de continuidade nos padrões de composição, Henry Raynor afirma que:

É impossível dizer até que ponto Beethoven compôs deliberadamente para o grande público. A extensão da sinfonia nº3, a *Heroica*, torna-a obra impossível de executar depois de um jantar para fins de descontração social num salão principesco (RAYNOR, 1981).

Como já observado antes Beethoven via, assim como Hegel “uma alma na escala do universo – um indivíduo que abarca o mundo e o domina” (FAUCONNIER, 2015). Ele o via a altura dos maiores cónsules romanos. Ludwig tinha grande admiração por ver em Napoleão a possibilidade da jovem República francesa realizar os ideais platônicos de que se alimentou e provocar o advento de uma humanidade fraterna e livre.

Ao longo podemos perceber que apesar de todas as influencias francesas e de tradição herdadas por seus mestres, Beethoven imprime profundos sentimentos ao compor a Eroica. Sentimentos tão bem expressos que até hoje, se um leigo ouve a uma orquestra executar a obra, ele consegue perceber os momentos de felicidade, ódio, sofrimento, esperança, divertimento e glória.

2.2.1 – 1º MOVIMENTO: ALLEGRO COM BRIO

O primeiro movimento da sinfonia, intitula-se *Allegro con brio – alegre brilhante*, segue o impulso da centelha de criatividade e que parte da autoimagem gerada por Ludwig em Napoleão, e exprime, sobretudo, as suas primeiras impressões sobre napoleão, impressões que já foram citadas anteriormente. Impressionado positivamente com a altivez de Bonaparte em ser, como alguns autores exprimem “tão bom de guerra como Beethoven é de música”, essa parte da Eroica traz consigo a glória de ser 1º cónsul francês e consigo também a responsabilidade de tal cargo. Toffoli, fala que

este período se caracterizou pela recuperação econômica e pela reorganização jurídica e administrativa na França. O governo do consulado era republicano e controlado por militares, onde três cónsules chefiavam o poder executivo (Napoleão, Roger Ducos e Sieyès), mas como Napoleão foi eleito primeiro-cónsul da república era ele quem realmente governava. Apesar do cunho democrático criado pela nova constituição, era ele quem comandava o exército, propunha novas leis, nomeava os membros da administração e controlava a política externa. Durante o governo do consulado as oposições foram aniquiladas, a alta burguesia consolidou-se e os projetos de emancipação dos setores populares foram sufocados. Com os resultados obtidos neste período Napoleão foi nomeado cónsul vitalício em 1802, devido ao apoio das elites francesas, que estavam entusiasmadas com os avanços (TOFFOLI, 2010).

Juntamente com a expressão dos sentimentos por Bonaparte, Beethoven expressa a sua rendição ao momento de brilhantismo que veio em muito boa hora, já que até meados de 1801 a sua sensação era de sua vida diminuir e se fazer necessário deixar a vida permanentemente e a obra inacabada, talvez até “escrever aos amigos para conjurar o mal e buscar um consolo” (FAUCONNIER,2015). O sofrimento era tão grande que um amigo seu, Wegeler escrevera, a pedido de Beethoven, para outro amigo, Amenda, uma carta um tanto esquisita, que abre outras segundas e terceiras interpretações sobre os interesses de Ludwig, a carta dizia:

Quanta falta sinto de você! Pois teu Beethoven vive muito infeliz, em luta com a natureza e com o Criador (...). Saiba que a mais nobre parte de mim, minha audição, se debilitou muito. Já na época em que você estava perto de mim eu sentia os sintomas e os ocultava; desde então a coisa s[ó] piorou (...). Oh, como eu seria feliz se meus ouvidos estivessem em bom estado! Então eu correria até você – mas devo permanecer afastado de tudo; meus mais belos anos transcorrerão sem que eu possa realizar as exigências da minha força e do meu talento. (...) Claro, tomei a resolução de me superar e ultrapassar tudo isso, mas como será possível?

Sim, Amenda, se dentro de seis meses meu mal se revelar incurável, farei um apelo a você: terá de abandonar tudo e voltar para perto de mim; viajarei então (minha performance e minha composição ainda se ressentem pouco da minha deficiência; é a vida social que ela mais prejudica), e você deverá ser meu companheiro, estou certo de que a felicidade não me faltará (...). Depois, você permanecerá eternamente junto a mim (FAUCONNIER, 2015).

A volta de sua temporada em Heiligenstadt, no outono de 1802, ele retoma o seu projeto de conquista do mundo musical. No entanto, há visivelmente um antes e um depois de Heiligenstadt. Seus problemas auditivos o convenceram de que seu caminho está na composição e mesmo assim ele está distante de ser unanimemente reconhecido.

A estranheza do seu estilo suscita em Viena uma espécie de “querela entre os antigos e os modernos”. A febre “beethoveniana” incendeia a jovem guarda enquanto os mais tradicionais se assustam com a ruptura fantástica, que, segundo Haydn, Beethoven impõe. Contudo, Beethoven está convencido de que seu lugar não é Viena e sim Paris, e planeja a sua partida ao longo de 1804. Ele após ter dado uma pausa para tomar novos ares e ter tentado se exercitar em óperas e peças teatrais, deixa tudo de lado pois é hora de terminar a sinfonia “Bonaparte” e ela iria requerer toda a sua energia.

Bebendo de fontes de inspiração francesa, com pensamentos contemporâneos e que representavam sobretudo a novidade e compactuavam muito com seu temperamento e com seus pensamentos, sendo contraponto as suavidades vienenses, Ludwig aos poucos vai esfriando e perdendo as ilusões até ficar sabendo da auto coroação de Bonaparte a imperador. Segundo Ana Maria Liberal, 2015,

A Sinfonia Heróica é um “tributo imortal ao espírito heróico no triunfo e na tristeza. Isto é puro Beethoven, os ideais da Revolução Francesa transportados para o som”, afirmou o Maestro Georg Tintner em 1988, quando gravou a obra para a Naxos.

Depois de dois acordes majestosos tocados por toda a orquestra, o primeiro andamento começa com um tema apresentado pelos violoncelos que Mozart havia utilizado na abertura da ópera Bastien und Bastienne. É totalmente impossível que Beethoven tenha ouvido a ópera de Mozart, porquanto ela foi levada à cena em 1768, numa récita privada em Viena, e a estreia pública aconteceu em Berlim, em 1890. Muito provavelmente os dois compositores inspiraram-se numa outra fonte desconhecida. O tema dos violoncelos abre a porta a um Allegro con brio onde se opõem constantemente a força e o sentimento imperativo à súplica e à aflição. Apesar das particularidades formais – Beethoven introduz um tema completamente novo que contraria o cânone da forma-sonata – e estilísticas – compassos em estilo fugado, largos acordes sincopados –, o valor intrínseco e o interesse deste andamento reside sobretudo no seu carácter simbólico e expressivo, mais do que nos seus indiscutíveis méritos técnicos. O soberbo desenvolvimento, de dimensões extraordinárias, parece transmitir a ideia de que a vida de um herói não é tão fácil quanto possa parecer. E a sua expressiva e emocionante conclusão transmite-nos a convicção de que um verdadeiro triunfo entre os homens só se pode obter pela bondade (LIBERAL, 2015).

Symphony No. 3 in E \flat Major

Eroica
Orchestra

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Op. 55

Allegro con brio ($\text{♩} = 60$)

The musical score is arranged in a standard orchestral format. The woodwinds (Flutes, Oboes, Clarinets in B \flat , Bassoons) and brass (Horns I, II, III, Trumpets in E \flat , Timpani) are in the upper staves. The strings (Violin I, Violin II, Viola, Cello, Bass) are in the lower staves. The tempo is marked 'Allegro con brio' with a quarter note equal to 60 beats per minute. The key signature is E \flat major (three flats). The score shows the first two measures of the piece, with a box highlighting the first two measures. The first measure is marked with a forte (*f*) dynamic. The second measure is marked with a piano (*p*) dynamic. The score includes various dynamics such as *p*, *cresc.*, and *sf*.

Imagem dos dois primeiros acordes majestosos tocados por toda a orquestra – em destaque na primeira página da grade instrumental/partitura. Os dois primeiros acordes – que estão em destaque dentro do quadro – são a evidência visual do que demarca, segundo muitos estudiosos, como o “divisor de águas” na composição do período. Anteriormente ao período romântico, os concertos seguiam algumas características como uma introdução feita pelos violinos – por terem estruturalmente o som mais agudo e representarem a voz feminina “doce como mel” acompanhada de violas, violoncelos e contrabaixos (com sons mais graves que representam a base masculina). Eram feitos para momento descontraídos das cortes. Mas esta composição de Beethoven traz a melodia principal com os violoncelos que depois são acompanhados pelos instrumentos de sopro, como a flauta, e depois pelos violinos, o que por si só, representava uma inversão de valores.

2.2.2 – 2º MOVIMENTO - MARCHA FÚNEBRE: ADAGIO ASSAI

O segundo movimento da Sinfonia traz a chave para a compreensão dessa exacerbação do sentir: um Adagio de enorme profundidade, numa densidade poucas vezes vista em música. Muitos acreditaram ser essa Marcha Fúnebre a reprovação posterior de Beethoven ao homenageado, quando este tornou-se Imperador dos franceses — mas, na verdade, quando o compositor soube que seu herói travestira-se de tirano, a Sinfonia já estava pronta. Sua fúria está fisicamente presente num dos originais manuscritos: onde se lia “Sinfonia Bonaparte” ficou apenas um buraco, tal a força com que se tentou apagar o nome do papel. Ficou a ideia do heroísmo, que embora Napoleão corrompera com a coroa, sua mensagem estava dada. Tanto que o título posterior foi “para festejar a memória de um Grande Homem”. É poético crer que a Marcha sepulta o Napoleão herói, mas na verdade seus planos poderiam ser de sepultar o próprio Ancient Régime. Ana Maria fala que:

A Marcia Funebre: Adagio assai é de uma grandiosidade assombrosa. A desolação e a profunda tristeza que emana da música do compositor de Bona é absolutamente brutal! François-René Tranchefort conta que o célebre Maestro Hans von Bülow calçava luvas pretas quando dirigia este andamento. Beethoven volta a confiar aos violoncelos a exposição do primeiro tema, um tema marcial que exprime uma dor lancinante. Este percorre toda a marcha com diferentes tonalidades e timbres (LIBERAL,2015).

Nota-se então que o segundo movimento expressa não somente a continuidade da gloriiosidade daquele a quem ele quer homenagear com esta composição, mas também exprime a sua situação pessoal de profunda dor e sofrimento, angustiado por sua surdez e por seus problemas familiares e a desolação social em que se encontra, passados alguns dias com problemas financeiros, e fecha o segundo com a expressão profunda de seus sentimentos. Para alguns críticos da época, o termo que melhor define é “brutal”.

É muito comum pensar-se que por causa da admiração que Beethoven tinha por Napoleão Bonaparte, ele fez a sinfonia em memória a cada momento de Napoleão e que a marcha fúnebre era para o dia de sua morte. Mas há um equívoco aqui, pois a marcha já havia sido composta 17 anos antes da morte do imperador Bonaparte, como relata Anton Felix Schindler:

Após a conclusão da obra, Beethoven escreveu a seu editor no verão de 1804 que "O título da sinfonia é realmente Bonaparte." O título final não foi aplicado ao trabalho até que as partes foram publicadas em outubro de 1806. Na verdade, Anton Felix Schindler diz que na audiência sobre a morte de Napoleão na ilha de Santa Helena em 1821, Beethoven diz: "Eu escrevi a música para este triste acontecimento dezessete anos atrás" - referindo-se à Marcha Fúnebre (segundo movimento) (CASTRO, 2012).

A composição do segundo movimento, intitulado *marcha Fúnebre* refere-se então ao passado de 1784 até 1801, exatamente o período em que Beethoven tornou-se amigo do jovem conde Waldstein, que notou o talento do compositor e o enviou para Viena, na Áustria, para que se tornasse aluno de Mozart. O breve relacionamento entre os dois compositores, porém, é incerto e pode nem ter acontecido, segundo algumas fontes. Em duas semanas, Beethoven voltou para Bonn, devido à morte da mãe.

Começou então a fazer cursos de literatura, como uma forma de compensar sua falta de estudo. Teve contato com as ideias da Revolução Francesa e a literatura pré-romântica alemã de Goethe e Johann Schiller. Esses ideais se tornariam fundamentais na arte de Beethoven.

Em 1792, Beethoven partiu definitivamente para Viena, novamente por intermédio do conde Waldstein. Dessa vez, Ludwig havia sido aceito como aluno de Haydn - a quem chamaria de "papai Haydn". Beethoven também teve aulas com outros professores.

Seus primeiros anos vienenses foram tranquilos, com a publicação de seu Opus 1, uma coleção de três trios, e a convivência com a sociedade aristocrática vienense, que lhe fora facilitada pela recomendação do conde. Era um pianista de sucesso e soube cultivar admiradores.

Surgiram então os primeiros sintomas da surdez. Em 1796, na volta de uma turnê, começou a queixar-se, e teve o diagnóstico uma congestão dos centros auditivos. Tratou-se com médicos e melhorou sua higiene, a fim de recuperar a boa audição. Escondeu o problema de todos.

Em 1802, por recomendação médica, foi descansar na aldeia de Heilingenstadt, perto de Viena. Em crise, escreveu o que seria o seu documento mais famoso: o "Testamento de Heilingenstadt". Trata-se de uma carta, originalmente destinada aos

dois irmãos, que nunca foi enviada, onde ele expõe se desespero, sobre sua arte e a tragédia da surdez. O suicídio era um pensamento recorrente. O que o fez mudar de ideia foi encarar a música como missão: "Foi a arte, e apenas ela, que me reteve. Ah, parecia-me impossível deixar o mundo antes de ter dado tudo o que ainda germinava em mim." (FAUCONNIER, 2015).

Beethoven nunca se casou e sua vida amorosa foi uma sucessão de insucessos e de sentimentos não-correspondidos. Apenas viu realizado um amor correspondido.

Em suma, a obra é um marco na história da sinfonia clássica por várias razões. A obra é duas vezes mais longa que as sinfonias de Haydn ou Mozart, o primeiro movimento sozinho é quase tão longo quanto muitas sinfonias clássicas, se a repetição for observada. Ela tem uma abrangência emocional maior que os seus outros trabalhos, e é frequentemente citada como o início do período romântico na música. O segundo movimento, em particular, exibe uma grande gama de emoção - da miséria do tema principal marcha fúnebre, para o conforto relativo de felicidade. O final da sinfonia mostra uma organização semelhante, e é dada uma importância no esquema geral que era virtualmente desconhecido antes — ao passo que em sinfonias anteriores o final era rápido e alegre, aqui é um conjunto extenso de variações e fuga sobre um tema de Beethoven tinha escrito originalmente para a sua música de balé "As Criaturas de Prometeu".

Por fim, o segundo movimento representa tudo que Beethoven buscava suprimir e deixar para trás, em sua busca pelo domínio do mundo musical, e embora tenha ficado referenciado equivocadamente a morte de Napoleão, esse movimento remonta a sua ilusão ter liberdade, igualdade e fraternidade alimentada pela voz da revolução francesa que foi sufocada pelo seu ídolo encarnado que teve a sua imagem heroica maculada pela sua busca insensata pelo poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos finalmente considerar que os novos tempos prometidos pela Revolução Francesa foram duradouros. A França pôs os seus ideais revolucionários em ondas de violência e a ascensão de Bonaparte a caminho do despotismo, fez da França, um lugar indesejado na Europa. A Áustria viveu uma paz frágil desde o **Tratado de Lunéville**⁸, em 1801. Nas palavras de Fauconnier, a tragédia de Bonaparte vive nos imaginários. Suas vitórias, sua corrida ao poder fazem dele um novo símbolo. Aquele que ainda é apenas o primeiro cônsul está construindo um mito, tornando-se um modelo heroico para toda a juventude da Europa.

Beethoven via o primeiro cônsul “à altura dos maiores cônsules romanos”. Embora sua relação com Bonaparte titubeasse entre fascínio e repulsa. Com o sentimento de auto identificação e cuja imagem e o destino lhe lembram a imagem de si.

A Revolução Francesa e seus desdobramentos impuseram o gênero Heroico. Beethoven, nessa sinfonia, busca aperfeiçoar e engrandecer um estilo musical vindo dos compositores que ele conheceu.

Em suma, a obra é um marco na história da sinfonia clássica por várias razões. A obra é duas vezes mais longa que as sinfonias de Haydn ou Mozart, o primeiro movimento sozinho é quase tão longo quanto muitas sinfonias clássicas, se a repetição for observada. Ela tem uma abrangência emocional maior que os seus outros trabalhos, e é frequentemente citada como o início do período romântico na música. O segundo movimento, em particular, exhibe uma grande gama de emoção - da miséria do tema principal marcha fúnebre, para o conforto relativo de felicidade. O final da sinfonia mostra uma organização semelhante, e é dada uma importância no esquema geral que era virtualmente desconhecido antes — ao passo que em sinfonias anteriores o final era rápido e alegre, aqui é um conjunto extenso de

⁸ O Tratado de Lunéville foi assinado em 9 de fevereiro de 1801 entre a França e o Sacro Império Romano, por José Bonaparte (diplomático francês e irmão do imperador Napoleão Bonaparte) e Luis de Cobenzel (Conde do Império Romano). O tratado declarava que haveria paz, amizade e bom entendimento entre ambas as nações. Certos territórios do Império Romano passaram às mãos francesas, fazendo com que o controle francês aumentasse. As fronteiras em disputa da Itália foram definidas e o Grão-Ducado da Toscana (Itália) passou à França. Finalmente os dois participantes do tratado chegaram a um acordo de independência para as repúblicas da Batávia, Cisalpina, Helvética e Ligúria.

variações e fuga sobre um tema de Beethoven tinha escrito originalmente para a sua música de balé "As Criaturas de Prometeu".

Napoleão Bonaparte é um dos símbolos mais importantes de poder quando se observa a história francesa e a sua interferência direta no curso político e econômico da Europa do século XVIII até os dias atuais.

REFERÊNCIAS:

FAUCONNIER, Bernard, 1995 – Beethoven / Bernard Fauconnier; trad. Paulo Neves – Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

FAUTRIER, Pascale, 2015 – Napoleão Bonaparte/ Pascale Fautrier; trad. Paulo Neves – Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

RAYNOR, Henry - História Social da Música – Da Idade Média a Beethoven / A Social History of Music. Tradução: Barrie & Jenkins LTD. De Londres, Inglaterra, Ed. ZAHAR EDITORES, Copyright 1972, edição brasileira de 1981.

SOLOMON, Maynard – BEETHOVEN: VIDA E OBRA. Copyright 1977, Ed. Jorge Zahar, RJ. 1987.

História da Igreja: Pio VII e Napoleão Bonaparte, in: <http://cleofas.com.br/historia-da-igreja-pio-vii-e-napoleao-bonaparte/>, visitado e disponível no dia 12/12/2015 às 23 horas e 15 minutos.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

E-Biografias – Biografia de Napoleão Bonaparte, in: http://www.e-biografias.net/napoleao_bonaparte/, visitado e disponível no dia 20/06/2016 às 18 horas.

BEETHOVEN Sinfonia n. 3 "Heróica", in: <http://guiadosclassicos.blogspot.com.br/2013/05/1804-beethoven-sinfonia-n-3-heroica.html>, visitado e disponível no dia 13/12/2015 às 1 hora e 20 minutos.

E-Biografias – Biografia de Napoleão Bonaparte, in: http://www.e-biografias.net/napoleao_bonaparte/, visitado e disponível no dia 20/06/2016 às 18 horas.

Beethoven dedicou sinfonia a Napoleão, in: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/beethoven-dedicou-sinfonia-napoleao-434004.shtml>, disponível no dia 01/02/2005 às 24 horas;

TCCendo: Métodos e tipos de Pesquisa, in:

<http://comofazerumtcc.blogspot.com.br/p/tipos-de-pesquisa.html>, visitado e disponível no dia 03/02/2016 às 18 horas e 08 minutos.

GEORGE, Christopher T. – The Eroica Riddle: Did Napoleon Remain Beethoven's "hero?", "Beethoven: Letters, Journals and Conversations", Napoleonic Scholarchip: The Journal of the International Napoleonic Society, in: http://www.napoleon-series.org/ins/scholarship98/c_eroica.html, visitado e disponível no dia 25/01/2016 às 18 horas e 15 minutos.

AQUINO, Felipe - História da Igreja: Pio VII e Napoleão Bonaparte, in: <http://cleofas.com.br/historia-da-igreja-pio-vii-e-napoleao-bonaparte/>, visitado e disponível no dia 05/09/2017 às 15 horas e 15 minutos.

FONSECA, Rafael – Guia dos Clássicos, in:

<http://guiadosclassicos.blogspot.com.br/2013/05/1804-beethoven-sinfonia-n-3-heroica.html>, visitado e disponível no dia 20/06/2016 às 18 horas.

CASTRO, Marcos Câmara de, in: O Beethoven de DeNora: o contexto está no texto, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992012000200008 (visitado dia 23/01/2017 às 23:59).

<http://seuhistory.com/hoje-na-historia/tratado-de-luneville-declara-paz-entre-franca-e-imperio-romano>.

CORRÊA, Paula da Cunha. Harmonia. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

ROSEN, Charles. Beethoven's Genius: An Exchange APRIL 10, 1997 Tia DeNora, reply by Charles Rosen. Disponível em <http://www.nybooks.com/articles/archives/1997/apr/10/beethovens-genius-an-exchange/> (acesso em 11/05/2016).

ROSEN, Charles. Did Beethoven Have All the Luck? New Yor Review of books, November 14, 1996. Disponível em <http://www.nybooks.com/articles/archives/1996/nov/14/did-beethoven-have-all-the-luck/?pagination=false> (acesso em 11/05/2016).

TRIGO, Luciano. A grande feira: uma reação ao vale-tudo na arte contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Parâmetros do Som, disponível in: <http://www.enovuspublicacoes.com.br/pdf/musica-1.pdf> (acesso em 24/01/2017 às 00:44).